



Ministério da Educação – Brasil
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095 – 2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
QUALIS/CAPES – LATINDEX
Nº. 19 – Ano X – 05/2021
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

Onde psicanálise e educação podem se articular?

Prof^a. Dr^a. Vera Marta Reolon
Doutora em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do
Rio Grande do Sul - PUC/RS – Brasil
Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS
Docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRGS - Brasil
<http://lattes.cnpq.br/5398427129571070>
E-mail: verareolon@terra.com.br

Resumo: A estruturação do sujeito. As estruturas psíquicas: neurose, psicose e perversão. O Outro. O significante Nome-do-Pai. A metáfora paterna. A repetição. A alienação. O estatuto do inconsciente. O desejo. O Desejo. A verdade: o sinthoma. O fantasma. A linguagem. Marca, corte, cena primária. Relações do pensamento lacaniano com a linguística, a filosofia, a matemática e a lógica. Descartes, Lacan e o cogito. Spinoza. Jakobson, DNA, significação. A foraclusão, a denegação, o recalque. Deslocamento. A Lei como base para a consciência moral. Psicanálise e educação: aplicações práticas.

Palavras-chave: Lacan. Estruturação. Sujeito. Desejo. Fantasma. Repetição. Alienação.

“meras coisas não tem direito a títulos” (Danto)

“Os discursos se apagam, mas se fazem presentes em cada ação.
Cem linhas e sem linhas [...]”

O Segredo: “fazer existir, não julgar” (Deleuze)

No seminário 14, sobre a lógica do fantasma, Lacan parte do “cogito” cartesiano; “*cogito, ergo sum*” – penso, logo existo – para desenvolver seu pensamento, especificamente seu seminário. Parte ele da *repetição* e nos diz que na repetição o que se repete nunca é a mesma coisa. Que quer dizer com isso?

A partir da premissa “o inconsciente é estruturado como linguagem”, sabe-se que o sujeito se constitui a partir do desejo do Outro, Conatus – Spinoziano?, que institui Desejo, passando assim a Sujeito desejante, S. Este Desejo que o sujeito porta, a partir do desejo do Outro, poderia ser em Spinoza o desejo, “apetite com consciência de si mesmo”. Este Outro, a partir da direção de seu olhar para um outro que não o filho, Lugar de Desejo da Mãe, barra o sujeito, instituindo a falta, “[...] o sujeito é, por um lado, barrado daquilo que o constitui propriamente, enquanto função do inconsciente” (LACAN, 2008, p.12), \$.

Não só o sujeito é sempre-já extático-desapropriado e assim por diante, como essa estase é o sujeito, ou seja, o sujeito é o vazio \$ que surge quando uma substância é “desapropriada” por meio da estase. Por mais que pareça procurar pêlo em ovo, essa distinção é crucial: a condição do sujeito é sempre limitada, desapropriada, exposta, ou *o próprio sujeito é o nome para essa/dessa desapropriação?* A partir da limitação do sujeito, devemos passar ao próprio limite como o nome do sujeito. É por isso que não basta dizer que, em Hegel, há um movimento de “autocastração”, que o sujeito castra a si mesmo – quem é esse Eu? O problema é que esse Eu só surge como consequência, como resultado da castração. (ZIZEK, 2008, p.69)

Assim, enquanto faltante, este \$, buscará no mundo, completar esta falta nunca passível de completude, mas busca necessária à vida. Lacan vale-se da lógica (“há sujeito a partir do momento em que fazemos lógica, i.é., em que temos de manejar significantes” (2008, p.14)), para nos inserir no contexto do entendimento deste inconsciente dos diferentes sujeitos, “um significante é o que representa um sujeito para outro significante”. Assim, não pessoalizamos, mas criamos estruturas

lógicas para entendermos o que acontece nestas estruturações dos diferentes e muitos sujeitos.

O humano é um ser relacional. Logo, é inscrito no discurso pela alteridade. Contudo, para constituir-se sujeito, uma vez que nunca será indivíduo, é necessário que esse *alter* o olhe. Antes do verbo, então, no início, era a *visàge*, a imagem especular. Para ser chamado de sujeito, para ser formado enquanto tal, é preciso que um Outro, o grande Outro, o veja e, mais que isso, o olhe com olhar de diferença, com olhar desejanste que este, à sua frente, o seja sem-igual. Este Olhar, constitutivo, é que lança desejo, falta no sujeito. E esta falta é condição primordial para que ele seja barrado, à procura de algo, do objeto, que o complete; é essência para que o humano se desenvolva da forma mais “saudável”. É através de seu reflexo, descoberto no Olhar do Outro, que há, com identificação, a noção de eu. Sem esta falta, ele não tem a chave necessária para a entrada no simbólico, na linguagem, no discurso; será um amorfo. Sem essa falta, ele estará completo, sem algo que o impulse à procura, à vida por excelência.

Lacan concebe o humano como uma estrutura. Essa estrutura é concebida a partir de três registros: Real, Simbólico e Imaginário. O Real é tudo aquilo que não pode ser apreendido, apenas simbolizado, só é conhecido através de suas manifestações no Simbólico. É o inconsciente, o lugar onde os significantes são inscritos, é o profundo, o não-acessível, o sem-nome, o desordenado, o não-interdito. O Simbólico é o sistema de representações, a linguagem, a realidade, baseado nos signos e nas significações, é por onde o sujeito pode ser conhecido, uma vez que só é sujeito, pois é o sujeito da fala. O Imaginário se relaciona com a imaginação, com a faculdade de representar coisas em pensamento, independentemente de sua realidade. É o lugar do eu por excelência, com seus fenômenos de ilusão, captação e engodo.

Acabada, fechada, a estrutura estará quando da chegada à idade adulta; antes, então, é uma estrutura em formação, na infância; e em processo de consolidação, acabamento, na adolescência. A teoria psicanalítica de Lacan, neste sentido, descreve três possíveis estruturas as quais o sujeito, indiscutivelmente, se configurará. São elas: neurose, psicose ou perversão. Os fatores determinantes, os papéis fundamentais na formação da personalidade, sob esta perspectiva, serão o Outro, primordial, e a metáfora paterna, instituída pelo Outro. O campo e o

significante Nome-do-Pai, assim, serão os fundantes do sujeito, os alicerces. O sujeito, na verdade, é sujeito a significantes, inscritos ou não pelo grande Outro. Por isso, o Outro, mais que um lugar, mais que um papel, normalmente exercido, ocupado pela mãe, é um campo. E, como todo campo, abarca o que nele está contido. Pois bem, este campo, o Outro, é um campo de inscrição de significantes e o sujeito é o que nele está.

No início, então, o Outro e o sujeito são uma única e mesma coisa. Esta coisa é uma mescla, um todo, um completo, ainda que sem nome. De maneira geral, sujeito e Outro, sujeito e seu campo, estão em simbiose. Mas este todo, esse sem nome, não é. Não sendo, permanece na vida, sem nela nunca ter entrado, até a morte. Se assim permanecido, ausência de desejo, ausência de separação, de corte, psicose o é. Psicose é a estrutura do sujeito sem Desejo, do amorfo que nem sujeito é, pois a nada está sujeitado. É a estrutura daquele que intrínseco ao Outro está, pois não foi incluído no discurso – o que só se dá pelo amor lançado pelo Outro – mas foracluído. Sem antes sujeitar-se, não foi lhe permitido viver, foi esquecido, ao mesmo tempo preso.

Mais que uma marca negativa, o psicótico, aquele que foraclui, possui uma não-marca. Essa foraclusão é do Nome-do-Pai, significante da ordem do limite, que introjeta lei interna, ética, princípio e fundamental para a lei externa, a moral social. É deste significante que o sujeito está fora, é ele que o sujeito foraclui, junto com o Outro, que não o mostrou, ao contrário, privou da metáfora. É função do campo, do grande Outro, lançar Nome-do-Pai no sujeito, para que assim ele possa ser nomeado, chamado de sujeito. Esse lançamento, essa inscrição se dá através do desejo, desejo do campo para com o sujeito. Esse desejo, lançado pelo grande Outro, constituirá Lugar de Desejo da Mãe, base para a inscrição da metáfora paterna, Nome-do-Pai.

Não nomeado, não-sujeito, o não-sujeito, o psicótico, o sem-amor, entrelaçará os três registros, uma vez que desatados estão. Não foi permitido o enlace, que só se dá pela falta. Assim, eles estarão sobrepostos, o que causará ora a alucinação, ora o delírio. Sem a chave que o permite entrar no discurso, que possibilita o recalque ou a denegação, ele permanece foracluído, ou seja, não-incluído na realidade. Ele cria uma outra “realidade”, criada, na verdade, pelo Outro.

O perverso, por outro lado, é o que denega, o que conhece, porém finge não conhecer, nega a metáfora. Ela está introjetada, pois o sujeito foi desejado, mas é denegada, pois está enfraquecida, dilacerada. A lei é presente, mas é posta de lado. O grande Outro a apresenta, mas não a favorece, não a abarca, a coloca às margens: provoca uma violação. Violada a lei, antes inscrita fraca, o sujeito a substitui pelo fetiche, pelo gozo a qualquer preço, pelo voyeurismo. Não há concepção de alteridade, todos são instrumentos de manipulação e gozo do sujeito. O inconsciente do perverso está a descoberto. Há fantasia de plenitude, uma vez que o Real está desprendido da metáfora, do discurso. No lugar de uma simbolização, está imaginarizado. O sujeito é um sujeito da transgressão à norma, à natureza, à lei, que se manifesta através do masoquismo, do sadismo, do narcisismo.

O neurótico, neste sentido, é o “oposto” do perverso: no lugar do ato, de agir, o neurótico fantasia. Fantasia com os atos que o perverso faz. Fantasia, pois aqueles estão interditos em seu inconsciente, são impossibilitados. Se realizados, a descuido, são culpáveis, já que a lei está presente a todo instante, a lei é o fio-condutor de sua existência. O neurótico, manifestado na histeria – que deseja a atenção, a busca – e na obsessão, cujas regras estão ato-a-ato, é o sujeito da lei internalizada, é o sujeito que precisa de um simbólico suplementar, ou seja, do sintoma, para que o desejo se mantenha recalcado. O recalque, pois, é o mecanismo de defesa do neurótico. Para ele, o desejo é compreendido a partir da demanda. Ele cria o sintoma, para doá-lo ao Outro, como retribuição ao amor a ele depositado. Ele acredita no Outro, ao passo que o psicótico é o Outro, e o perverso se dá ao Outro, como forma de gozo, como objeto e instrumento deste.

Na estrutura deste \$, o Outro permanece, então, sob o prisma lógico, como um significante, que representa o Outro, **A**, de *Autre*, para o significante \$, significante que fica como marca inconsciente, “[...] a marca é original na função da repetição” (LACAN, 2008, p. 44), que eventualmente aparece como seio, olhar, voz, “[...] é enquanto uma das letras está ausente que as outras funcionam, mas que sem dúvida é, em sua falta mesma que reside toda a fecundidade da operação” (LACAN, 2008, p. 45).

Lacan utiliza-se da lógica matemática e, junto ao *cogito* cartesiano, onde Lacan ironiza com o uso que fizeram desse cogito, fazendo piada com a expressão

especialista, porque o entendimento moderno (aqui, moderno da Modernidade) levou o *cogito* ao estatuto da ciência, ciência dita “americana”, dogmática, fechada, compartimentada e não ao instituído pelo próprio Descartes ao enunciá-lo, mais tarde corrigido com “*dubito, ergo sum*”, pensar, enquanto operação, dúvida, que me conduz à busca, busca por respostas diversas a minhas indagações, diferença primordial de tudo o que vemos sendo feito com o *cogito* cartesiano, mesmo, e até agora, na Pós-Modernidade. Desenvolve assim, a partir da dúvida, *cogito* cartesiano bem traduzido, sua BUSCA PELA VERDADE, verdade essa do \$, este que é objeto de estudo da psicanálise. Desenvolve então o estatuto da estruturação deste \$, em sua busca pela verdade.

Diz, Lacan, que na presença do sintoma (“eu minto”) deve-se atentar pois ele, sintoma, é uma mentira que chama atenção para a verdade, importância fundamental à práxis analítica, para nos interrogarmos sobre o que é o verdadeiro do qual se trata aí “eu, a verdade, falo”: “é da característica do falso tornar tudo verdadeiro” (LACAN, 2008, p. 72). Ponto de origem este entre o significante e a verdade: “[...] o substituto tem por efeito de sub-situar isso ao que ele se substitui [...]” (LACAN, 2008, p. 92), o que está recalcado no inconsciente vem se mostrar como metáfora do funcionamento do inconsciente no sintoma. No universo do discurso do sujeito não há fechamentos, a verdade se mostra, daí dizermos que a estrutura se dá como efeito de linguagem, efeito da verdade. Chega Lacan no desdobramento do *cogito* cartesiano no “eu não sou, eu não penso”, porque tudo o que aparece, se desloca, é da ordem do fantasma, como defesa:

e por falta de saber que tudo é deslocado, marginal, na perspectiva que cada fantasma o que pode ser a realidade do inconsciente. Essa alguma coisa que nos falta e que constitui o escabroso daquilo com o qual somos confrontados, não por alguma contingência: a saber, essa nova conjunção do ser e do saber (LACAN, 2008, p. 110).

Nos deslocamentos, lá onde “eu não sou, eu não estou”, vem algo deslocado, marginal, mas que representa meu estatuto de verdade, minha busca no saber para poder ser, tornar-se. É sempre mascarada na mentira que a verdade emerge. No sintoma fazemos uma *recusa em ser*, escondemo-nos, mascaramo-nos. “[...] há um ser do eu fora do discurso” (LACAN, 2008, p. 123), “eu sou”, não contém nenhum elemento, é um lugar vazio, porque o eu argumentativo do “eu sou, eu penso” não

está senão em argumento com o Outro, não é funcionamento mental, mas funcionamento psíquico, marca. As interrogações do ser, cujo limite é o franqueamento do *cogito*, o que vem em lugar é o Outro, como alienação, alienação essa que no lugar do Outro, é a vontade. “A verdade da alienação só se mostra na parte perdida, que não é outra que o *eu não sou*” (LACAN, 2008, p. 131). O Outro aparece assim, como lugar da palavra.

Em seu Relatório ao Congresso de Roma, realizado no Istituto di Psicologia della Università di Roma, nos dias 26 e 27 de setembro de 1953, sobre especificamente Função de Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise, Lacan inicia:

Em particular, não se deverá esquecer que a separação em embriologia, anatomia, fisiologia, psicologia, sociologia, clínica, não existe na natureza e que existe uma só disciplina: a neurobiologia à qual a observação nos obriga a acrescentar o epíteto de humana no que nos concerne (LACAN, 1992, P.101).

Essa introdução de Lacan nos prova exatamente o que Jakobson teoriza. Nada nos distingue mais no campo humano de nossa evolução do que o DNA que carregamos, mas principalmente a linguagem. Linguagem intrínseca ao humano, marca singular e distintiva, “unidades significantes mínimas, entidades dotadas de significação”, nas palavras de Jakobson, e marca que nos distingue, já que “o inconsciente é estruturado como linguagem”.

Assim, no Relatório, Lacan diz:

O discurso que se encontra aqui merece ser introduzido por suas circunstâncias. Pois ele delas a marca [...]. Aulo Gélío, em suas *Noites Áticas*, dava ao lugar dito do *Mons Vaticanus* a etimologia de *vagire*, que designa os primeiros balbucios da fala (LACAN, 1992, p.102).

No texto “O que aprendemos com as crianças que não aprendem?”, os diferentes textos apresentam múltiplos casos de crianças que chegam à clínica psicanalítica com dificuldades de aprendizagem. Especialmente no texto “*Escrita e Sexo*”, Michele Dokhan destaca que as crianças que não aprendem “nos trazem um ensinamento não somente sobre sua dificuldade subjetiva, mas também sobre o que podem revelar dos efeitos do discurso social sobre a identidade subjetiva” (DOKHAN, 2008, p.129). Discurso social, ponho-me a pensar,

especialmente qual? O discurso do Outro, Outro singular, mãe que marca “a ferro e fogo” a vida deste ser gerado por ela, carrega seu DNA, mas também sua marca linguística – boa ou má – que o conduzirá para a vida.

Lacan nos explica, o que “faz” dificuldade ao aprendizado de Giacomo, carregado pela fala da mãe “síndrome neurológica não-identificada” (DOKHAN, 2008, p.129), mãe, aqui, Outro internalizado, importante e importado na alienação da repetição, inconsciente do sujeito, dificuldade gerada na aprendizagem a ser apreendida no contexto escolar.

Inicia Lacan a lição XII, dizendo-nos que “a alienação é a eliminação, rechaça fora do limiar, eliminação ordinária do Outro, limiar de que se trata é aquele que determina o **corte** no qual consiste a essência da linguagem” (LACAN, 2008, p.207). De que corte se trata? Eliminação do Outro?

A linguagem é emanação do campo do Outro, verdade para o sujeito. Problemas na aprendizagem são **sintomas**, sintomas que remetem à verdade, qual, onde está? Remete ao campo do Outro, Outro, aqui, sempre, a **mãe**.

É no crédito que a mãe dá à criança, em função do qual esta lhe faz uma demanda, endereçada a ela, à mãe, que está implicado esse elemento terceiro. E o que esse crédito diz é logicamente articulado à hipótese que faz a mãe: a criança é competente para lhe fazer uma demanda. Com poucos dias de vida a mãe lhe diz: “Você tem frio? Eu vou cobrir você”. Ao mesmo tempo em que a mãe supõe que a criança sae que quer dizer “frio”, supõe também que ela pede para ser aquecida. É através desse golpe de força, assim como propusemos nomear essa operação, que a mãe demanda à criança identificar-se o que ela lhe diz. (BALBO; BERGÈS; 2003, p.37)

Lacan diz da repetição como *lugar temporal*, do que ficou suspenso da alienação, no inconsciente, da castração, “nesse modo privilegiado e exemplar de instauração do sujeito que é a passagem ao ato” (LACAN, 2008, p.209). Ato que remete ao ato que usamos, corriqueiramente, na linguagem, *ato sexual*, marca que faz gozo, no que nos diferencia homem/mulher, lugar de desejo, mas também ato que nos remete como marca primeira de nossa constituição, o ato sexual de nossos pais para nos constituir geneticamente, a **cena primária**.

Lacan então segue e nos conduz ao que faz *sublimação* ao *nosso* ato sexual, repetição de um significante que “lá está”, inconsciente, o *corte*, necessário para que exista sujeito falante. Corte enquanto função significativa da castração, marca de algo que representa a falta fundamental.

Copulação exitosa se dá com “maturação genital”. Para que se dê é preciso

$$\frac{-\varphi}{a + A - \varphi} \rightarrow \text{CASTRAÇÃO COMO VALOR FUNDAMENTAL}$$

Castração do/no Outro, castração simbólica em/no sujeito, possibilidade e premissa básica para a linguagem.

Articulando os confrontos teórico-clínicos propostos por Bergès, vemos múltiplos sofrimentos, crianças que chegam aos institutos com singulares sintomas, da escrita, da linguagem articulada, encaminhadas por escolas ainda despreparadas à escuta de suas singulares verdades, ainda aprisionadas (as escolas) em discursos cartesianos (aqui dogmáticos, fechados, especializados) que só fazem mascarar ainda mais a verdade, e afastá-los da resolução das charadas propostas pelos diferentes sintomas. Sintomas esses, muitas vezes, quase sempre, trazidos nesta impossibilidade de percepção da castração do Outro, necessária para instituir qualquer estatuto desejante nestes pequenos seres.

S (Á) → se articula aí toda a dialética do desejo → enquanto ela se aprofunda com o intervalo entre o enunciado e a enunciação.

↓

tu não és, logo eu não sou → será que não é a linguagem o mais importuno do amor mesmo? → tu não és senão o que eu sou

Para que possamos encontrar a verdade é preciso que “[...] o olhar → deve ser procurado alhures → naquilo que o viajante quer ver → onde ele desconhece que se trata daquilo que o imobiliza em seu olhar de viajante” (LACAN, 2008, p. 161)

O ler e o escrever passam como sentido do aprender como castração, negação da castração do Outro. Não aprendo porque seria reconhecer a castração do Outro, se eu aprender reconhecer-me-ia lá onde eu faço “tamponamento” à castração do Outro.

Em minhas confrontações teórico-clínicas, confrontei-me com a clínica das toxicomanias, onde sujeitos envolvidos, perdidos em seus dizeres, trazem sua

“verdade” no não assumir a nomeação paterna, não aceitação da lei? Sujeitos esses que sempre me conduziram a pensar na dobradinha: não assumir a nomeação paterna, não (ter?) a inscrição paterna NP, não respeitar a lei social (drogas são ilícitas, socialmente e ao meu corpo!). “A função paterna vem temperar a primitiva repressão social, interdição da mãe, obrigação primordial, por seu efeito de abertura do laço social sustentado por um ideal de promessa” (BERGÈS, 2008, p.88).

Como nos diz Françoise Dolto: “A castração, quer diga respeito às pulsões orais, anais ou genitais, consiste em dar à criança os meios de estabelecer a diferença entre o imaginário e a realidade autorizada pela lei, nas diferentes etapas citadas” (DOLTO, 1985, p.43) e “Nossa atitude concerne unicamente a esse ser simbólico. Essa é nossa castração de analistas”. (DOLTO, 1985, p. 40).

Mas é preciso que isso cante
Não posso ser apenas um grito
Escutem chorar dentro de vocês
As histórias do tempo passado.
O grão terrível que elas semeiam
Amadurece de poema em poema
As revoltas começadas

Aragon, Lê Fou d’Elsa
Lê malheur dit, Paris, Gallimard, “Poésie”, 1963.

REFERÊNCIAS

- BERGÈS, Jean; BALBO, Gabriel. *Há um infantil da psicose?* Seminário 2. Porto Alegre: CMC, 2003.
- BERGÈS, Jean; BERGÈS-BOUNES, Marika; CALMETTES-JEAN, Sandrine (org.). *O que aprendemos com as crianças que não aprendem?* Porto Alegre: CMC, 2008.
- DOKHAN, Michèle. Escrita e sexuação: Giacomo ou o que é ser homem/mulher? In: BERGÈS, Jean; BERGÈS-BOUNES, Marika; CALMETTES-JEAN, Sandrine (org.). *O que aprendemos com as crianças que não aprendem?* Porto Alegre: CMC, 2008.
- DOLTO, Françoise. *Seminário de psicanálise de crianças*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- _____. *Seminário de psicanálise de crianças: tomo 2*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.
- JURANVILLE, Alain. *Lacan e a filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- LACAN, Jacques. *Escritos*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- _____. *O seminário, livro 3: as psicoses, 1955-1956*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- _____. *O seminário, livro 4: a relação de objeto, 1956-1957*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- _____. *O seminário, livro 8: a transferência, 1960-1961*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- _____. *O seminário, livro 14: a lógica do fantasma, 1966-1967*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2008.
- _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- ŽIŽEK, Slavoj. *A visão em paralaxe*. São Paulo: Boitempo, 2008.

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review*)

Publicado na Revista Vozes dos Vales - www.ufvjm.edu.br/vozes em: 05/2021

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

www.ufvjm.edu.br/vozes

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424